

APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DA FALAGUEIRA

por *Alves Silva*



Sobre o mais velho templo da Amadora, hoje Igreja da Freguesia da Falagueira/Venda Nova, já tivemos oportunidade, através destas crónicas de descrever a vida desta velha ermida, desde a sua construção, ocorrida em 15 de Novembro de 1759 (há 237 anos), e as suas vicissitudes surgidas através destes dois séculos da sua vivência. Quanto aos preparativos para a sua construção, tudo começou através dos amadorenses, em particular dos da Falagueira. Corria o ano de 1759 o acontecimento português que ficaria a marcar a história lisboeta tinha acontecido há cerca de 4 anos, o terramoto tinha ceifado muitas vidas e de Lisboa fugiu muita gente à procura de abrigo nas imediações da capital, sempre com receio de novos tremores de terra. Os mais endinheirados trataram de comprar casas campestres ou mesmo terrenos para construir as nossas novas moradias.

Nos sítios da hoje Amadora os estragos provocados pelo sismo foram praticamente insignificantes, como documentos da época informam, daí a atracção de classes abastadas e gente de recursos fracos, cuja intenção era fugir a qualquer repetição da calamidade.

Os residentes da localidade tinham de deslocar-se a Benfica para ouvirem missa. A existência de algumas capelas em quintas particulares não garantia os santos ofícios à maioria das pessoas. Uma pretensão dirigida

ao Bispo de Lisboa de então foi o primeiro passo dos residentes para a construção da sua ermida. Nessa altura, a Falagueira registava a campestre feição, aqui e ali alterada pela construção de algumas vivendas, nas quais ainda pairava o luto pelos mortos do terramoto. O Aqueduto das Aguas Livres estava construído e os amadorenses deram também o seu valioso contributo para levar o precioso líquido à capital, cedendo as suas terras para a passagem das canalizações ou trabalhando nesta monumental obra (1729 a 1748).

Alguns palácios, como o da quinta do Intendente (Assentista), já estavam construídos. Começou nesta centúria, até pelos motivos aduzidos, um certo desenvolvimento. Por aqui ficaram muitos operários/trabalhadores do Aqueduto, em boa parte construído em território amadorenses, orientados pelos arquitectos Custódio Vieira e Manuel Damaia, responsáveis por esta grandiosa obra. Foram 20 anos de frenesim, «arrasar furar outros», anos de árduo trabalho nas terras amadorenses.

O Aqueduto teve grande influência na construção da ermida e até na sua localização encravada num dos respiradores do próprio aqueduto, conquanto erigida algum tempo depois (11 anos). Influência esta devida, em grande parte, aos operários, resolvidos a ficar por cá, até pela fecundidade dos solos agrícolas para cultivar, pois as obras estavam praticamente terminadas.

Várias petições da população às autoridades eclesiásticas haviam de resultar. A autorização, vinda do Bispo de Lisboa, D. Francisco I, por provisão de 15 de Novembro de 1759, cujo documento, tal como foi despachado, já foi transcrito anteriormente nestas páginas.

Cabe referir que a capela, hoje «Catedral» da Falagueira, foi erigida por presos, na altura ocupados na construção de templos e pontes. Os materiais foram aproveitados dos restos do aqueduto e as pedras vieram da pedreira da Laje, ali bem perto, hoje bairro com o mesmo nome, o qual, como nos parece, teria dado também o nome à Ermida da Conceição da Lapa. A telha veio de Telheiras e as cantarias de Pero Pinheiro.

A ermida, depois capela, hoje igreja, é de construção simples. Tem sofrido ao longo do tempo várias obras de beneficiação, mas com o cuidado de lhe manter a traça inicial. O orago mantém-se, desde o início da construção, a Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Sobre as festas aqui realizadas aos santos residentes — São Sebastião, Santo António e à própria padroeira, já tivemos oportunidade de falar.

Vieram depois alguns anos de decadência, parte deles já neste século, não obstante as bem intencionadas tentativas de fazer voltar a casa da Senhora da Lapa aos bons usos, ficará para outra vez.